

“Lembranças fragmentárias” da cultura francesa em *Baú de ossos*

“Fragmentary Memories” of French Culture in *Baú de Ossos*

Maria Alice Ribeiro Gabriel

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais / Brasil

rgabriel1935@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0256-1306>

Resumo: Centrando-se num episódio biográfico de *Baú de ossos* (1972), do memorialista brasileiro Pedro Nava (1903-1984), o propósito deste artigo é analisar referências à cultura francesa sob perspectiva histórica e literária, considerando o registro de usos e comportamentos sociais. O objetivo do estudo é examinar como o escritor explora recursos arquivísticos e compostoriais para reconstruir a última década da vida de seu avô como próspero negociante em Fortaleza e no Rio de Janeiro, de 1870 a 1880, durante o processo de europeização do país. Além de importantes estudos sobre a prosa memorialística de Pedro Nava, esta análise comparativa baseia-se em obras de Alun Munslow (2000), Beatriz Colomina (1996), Jean-Yves Boursier (2002), Gilberto Freyre (1996) and Susan M. Stabile (2013).

Palavras-chave: Cultura francesa; memórias; Pedro Nava.

Abstract: Focusing on a biographical episode of *Baú de Ossos* (1972), by the Brazilian memoirist Pedro Nava (1903-1984), the purpose of this article is to analyse references to French culture, from a historical and literary perspective, considering the register of social uses and behaviors. The objective of the study is to examine how the writer explores archival and compositional resources to reconstruct the last decade of his grandfather's life as a prosperous trader, in Fortaleza and Rio de Janeiro, from 1870 to 1880, during the process of Europeanization of the country. In addition to important studies on Pedro Nava's memoiristic prose, this comparative analysis is based on works by Alun Munslow (2000), Beatriz Colomina (1996), Jean-Yves Boursier (2002), Gilberto Freyre (1996) and Susan M. Stabile (2013).

Keywords: French culture; memoirs; Pedro Nava.

Introdução

As inúmeras alusões à França na obra do memorialista Pedro Nava (1903-1984) formam um *corpus* que tem inspirado valiosas análises de seu estilo, método composicional e repertório de influências. A cultura e literatura francesas permeiam os escritos históricos sobre medicina e as Memórias, delimitando parte da formação intelectual e do repertório de leituras do médico. Nesta acepção, Agenor Soares dos Santos (1980) verificou a ocorrência de francesismos na linguagem das Memórias como traço da riqueza vocabular característica de sua prosa literária. De acordo com Antonio Cândido (1989, p. 68):

Pedro Nava utiliza os galicismos mais ou menos com a mesma técnica de Murilo Mendes em relação aos italianismos; e ainda aqui parece acrescentar ao texto uma dimensão mais ampla, para lá das fronteiras da nossa língua.

Celina Fontenele Garcia (1994) estudou as referências de Pedro Nava à obra de Marcel Proust em três domínios: nas alusões *À la recherche* e na utilização do método proustiano para caracterização dos personagens, baseado em comparações com figuras do mundo das artes; nas citações literais do texto de Proust, em epígrafes e passagens das Memórias; e nas apropriações de estilo, perspectiva, temáticas alusivas à memória (imaginação, espaço, tempo) e vocabulário.

Antônio Sérgio Bueno (1997, p. 76), por sua vez, averiguou aspectos retóricos na linguagem de Pedro Nava, além de imagens em certos episódios das Memórias que correspondem à obra de François Rabelais: a exemplo do “tom triunfal e dionisíaco” de cenas “[...] representativas de uma idade dourada em *Pantagruel* e *Gargantua* [que] mostram a vitória da vida sobre a morte e misturam livremente o alto e o baixo, o sagrado e o profano, o espiritual e o material”.

Joaquim Alves de Aguiar (1998) buscou delimitar um panorama mais amplo da cultura literária francesa no estilo de Pedro Nava, abordando não só as Memórias, mas igualmente os ensaios sobre a história da medicina¹.

¹ Os ensaios de *Território de Epidauro* (1947) são pontuados por gravuras e dados alusivos à história da medicina francesa, sobretudo em “As origens francesas da medicina interna brasileira”; “De Velpeau a Torres Homem”; “Colegas de ontem e de sempre” e “Esboço dos fundamentos históricos das especializações no terreno da medicina interna”. Em *capítulos*

A principal influência da cultura literária francesa no texto de Pedro Nava é sintetizada na tríade Marcel Proust, Michel de Montaigne e Rabelais, segundo Aguiar. Conforme notou Garcia (2001, p. 3), além de referências literárias, Pedro Nava descreve fisionomias que recordam “[...] as ilustrações de Maupassant ou de Toulouse Lautrec; (...) Renoir ou as alegorias de Rubens. Faz comparações também com as gravuras dos livros, por exemplo, Maupassant, Daudet e a iconografia proustiana”. Em *O círio perfeito*, o próprio memorialista abordou o tema da influência francesa na cultura brasileira, citando como produto de um modelo educacional cultivado por gerações a formação intelectual de Afonso Arinos de Melo Franco, modelo que abrange repertório de leituras conhecido por Pedro Nava, constatou Maria do Carmo Savietto (2002, p. 12-13): “Assim, desfilam em suas obras Baudelaire, Rabelais, Montaigne, Rimbaud, Malraux, Daudet, Lamartine, Villon, Anatole France e outros”.

Garcia (2003, p. 17) assinalou o aporte desse repertório na composição das Memórias, observando que Pedro Nava recorre a expedientes criativos e estéticos do literato e a recursos investigativos do pesquisador, conciliando-os a fim de narrar reminiscências (auto)biográficas. Ciente de um ideal literário de tradição francesa, como leitor de Anatole France e Proust, realça o valor artístico, cultural e histórico

[...] da memória, da volta ao passado, do armazenamento da experiência dos ancestrais, da leitura do passado feita nos documentos deixados pelos antigos, nas conversas com os mais velhos, ouvindo as crônicas orais, e, pela herança recebida de livros, e fotografias.

Ao lado dessas inspirações cardeais da literatura francesa na escrita das Memórias, passagens biográficas sugerem a abrangência do modelo cultural francês. “Esses aspectos vinham de vogas da época”, “como espírito do século”, afirmou Pedro Nava (1974, p. 94), em comentário à adesão republicana ao Contismo e Positivismo.

Ao relatar a passagem de José Nava pelo Liceu do Ceará “na fase áurea de 1891 a 1895”, Pedro Nava (1974, p. 83-85) comenta que seu pai, antes de iniciar os estudos médicos em 1896, fez “literatura em prosa e verso”,

da *História da medicina no Brasil* (2003) destaca-se “O ciclo da influência francesa na medicina do Brasil, Particularmente no ensino médico-cirúrgico no Rio de Janeiro”, texto publicado originalmente em separata da revista *Brasil Médico Cirúrgico*.

publicando na imprensa de Fortaleza “prosa bem aceitável, versos quase inaceitáveis”. Além disso, teria domínio do idioma suficiente para traduzir autores franceses da segunda metade do século XIX: “Experimentava-se no conto, na crítica, no ensaio e traduz para os jornais da terra Catulle Mendès, Pierre Loti, Alphonse Daudet e Théodore de Banville”. Chama a atenção nesse mesmo período a fundação da Padaria Espiritual por Antônio Salles, em 1892, e o fato de haver entre os padeiros que adotaram nomes de guerra com viés de paródia ou nativismo – Antônio Salles (Moacir Jurema), Adolfo Caminha (Félix Guanabarino), Álvaro Martins (Policarpo Estouro), Carlos Vítor (Alcino Bandolim), Sabino Batista (Sátiro Alegrete), Ulisses Bezerra (Frivolino Catavento), Jovino Guedes (Wenceslau Tupiniquim) – aparentemente apenas um nome em alusão à literatura francesa, o de João Lopes de Abreu Lage ou Lopes Filho (Anatole Gerval). “Um grupo revolucionário e entretanto ainda tão preso, umbilicalmente, à Metrópole, como a nossa Arcádia mineira!”, notou Pedro Nava (1974, p. 89).

Contudo, é na literatura francesa que Pedro Nava (1974, p. 97) espelha o teor militante, “[...] o princípio fecundo do ódio ao burguês, da guerra ao burguês contidos no programa e evidentes na ação da Padaria Espiritual” e na obra de Antônio Salles, publicada em 1913: “Seu romance *Aves de arriabação*, antes de ser bela história regionalista, é a sátira social que o põe na mesma posição de Anatole France, quando este dizia de si mesmo: *J'ai passé ma vie à friser de la dynamite en papillottes*”². Tal afirmação de Antônio Salles subentende não só influências literárias de origem francesa, mas leis mercadológicas de uma prática editorial que Machado de Assis (1982, p. 70) expôs em *Quincas Borba* (1886-1891): “O que ela precisava era de material tipográfico e desenvolvimento no texto; ampliar a matéria, pôr-lhe mais noticiário, variedades, tradução de algum romance para o folhetim, movimento do porto, da praça, etc.” Ao paradigma editorial se relacionam outros setores

² A obra de Louis Henri Bethléem (1928, p. 598) cita a declaração de Anatole France: “Je travaille pour la clientèle bourgeoise. C'est la seule qui lise. C'est pour cela que je suis obligé de mettre la dynamite en papillottes”. Em tradução livre: “Trabalho para uma clientela burguesa. É a única que lê. Por isso sou obrigado a pôr dinamite em papillottes”. Segundo Joana Robertson (2015, grifo da autora), ao preparar o *papillote*, bombom francês consumido tradicionalmente nas festas de fim de ano, o confeiteiro: “[...] coloca na mesa um papel dourado ou prateado com franjas. Sobre ele, vai um papel-manteiga e, no centro, o chocolate em si, acompanhado por um pequeno artefato de papel e pólvora que, ao ser puxado de ambos os lados, ‘explode’ e solta uma pequena fumaça azul”.

alusivos à cultura francesa, que se divisam no ensino do idioma socialmente aclamado, na importação de produtos, na prestação de serviços à burguesia, bem como em inúmeros outros procedimentos ajustados ao cotidiano, cuja história é registrada em obras de escritores, médicos higienistas³, memorialistas e viajantes dos séculos XIX e XX.

Segundo Antonio Cândido (1989, p. 54), para compor retratos morais e psicológicos Pedro Nava descreve um ambiente global, como unidade: “Nos seus (...) livros a autobiografia desliza para a biografia, que por sua vez tem aberturas para a história de grupo, da qual emerge em plano mais largo a visão da sociedade, traduzida finalmente numa certa visão do mundo”.

Tomando por objeto de estudo o segmento biográfico de *Baú de Ossos* (1972) que contextualiza no Segundo Reinado a última década de vida de Pedro da Silva Nava (1843-1880), avô homônimo do autor, o propósito deste artigo é analisar alusões à cultura francesa, sob enfoque histórico e literário, centrando-se no registro de usos e comportamentos sociais. É oportuno, nesse ponto, considerando a abrangência do tópico, referir a observação de Aguiar:

Mas nem de longe pretendemos aprofundar a presença da França, marca de toda uma geração, na obra de Nava. O assunto permite escrever trabalho à parte, de tal modo o escritor deixou-se impregnar pelos franceses. Aqui, o que mais nos interessa é assinalar a ampliação de mundo que o acesso à cultura francesa proporcionou ao nosso escritor. Ampliação que vai além da aquisição de repertório literário, artístico e científico. Em Nava, como nos seus contemporâneos, o efeito desprovincianizador causado pelo mergulho nas humanidades francesas é notável. Elas contribuíram vivamente para que o escritor se tornasse um homem de cultura. Um homem que tinha o francês como sua segunda língua. Uma língua que se impregna em sua prosa, repleta de galicismos. Num país como o nosso, as letras costumam ser não somente patrimônio do espírito, mas também passaporte de classe. (AGUIAR, 1998, p. 105)

³ O historiador Luiz Carlos Soares (2007, p. 127) registrou o comentário do médico José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913) sobre os “moleque de recados” na “alcovite tradição” do Rio de Janeiro, destacando o “[...] *Marchand de Fleurs*, um jovem Crioulo vendedor de flores, que foi copeiro de uma família francesa e pôde aprender razoavelmente a língua por ela falada. (...) geralmente procurava atrair a clientela com altos pregões em francês, o que lhe valeu o apelido dado pela população”.

O contato com a cultura francesa, não apenas em sua formação intelectual e profissional, mas também pela observação do meio no convívio em família e sociedade, por certo influiu na triagem de informes bibliográficos, documentos, reminiscências e testemunhos que o escritor julgou pertinente transcrever nas Memórias, após pesquisa genealógica, histórica, iconográfica e literária, que não prescinde do saber e olhar atento do médico, nem da imaginação criativa do autor. “Neste caso o conhecimento dos hábitos do antepassado se combina à documentação topográfica e à descrição imaginária da ação tornada presente”, afirmou Antonio Candido (1982, p. 62). Feitas tais considerações, a próxima seção deste artigo pondera a forma pela qual os dados, hipóteses e memórias sobre Pedro da Silva Nava ajustar-se-iam à narrativa biográfica.

“Um fato deixa entrever uma vida; uma palavra, um caráter”

O sobrenome do negociante Pedro da Silva Nava é de origem italiana, descendendo de “[...] um certo Francisco Nava, que teria aportado no Brasil no fim do século XVIII ou princípio do XIX”, conforme relatou Pedro Nava (1974, p. 16-20) em *Baú de Ossos*. Francisco Nava foi pai de Fernando Antônio Nava, maranhense, casado com D. Raimunda Antônia da Silva, com quem teve os filhos Pedro da Silva Nava, Maria Nava Rodrigues, Ana Nava Rodrigues e Paula Nava Guimarães. Em visita à Itália, em 1955, Pedro Nava consultou o *Studio Araldico Romano*, onde obteve do Marquês Duranti d’Assoro, à época diretor do *Studio Araldico*, informes sobre o ancestral “Francesco-Francisco” e o *stemma* familiar representativo dos dois ramos da família Nava, mostrando, em primeiro plano, uma águia negra com coroa de ouro sobre fundo dourado e, no segundo, uma águia dourada com coroa de ouro sobre fundo vermelho⁴. A *Origine Storica delle località e antichi cognome della Repubblica di Genova*, de Francesco Grillo, segundo Pedro Nava (1974, p. 19), indica a origem lombarda do nome e o documento datado de 14 de fevereiro de 1192, onde se confirma uma convenção entre os cidadãos de Alessandria e Gênova, em 4 de fevereiro de 1181. Neste documento, o nome Nava consta entre as assinaturas dos *testi giurati*.

⁴ No original: “troncato al primo d’oro all’ aquila di nero coronata del campo; al secondo di rosso all’ aquila d’oro, coronata dello stesso”.

Imagen 1 - Famiglia Nava (Milano): *aquila di nero coronata di oro sull'oro del troncato di oro e di rosso - aquila coronata di oro sul rosso.*



Fonte: Cognomix (2022)

Entrevistado pela professora Edina Panich (2003), em 8 de abril de 1984, o memorialista recordaria os primeiros passos que o levaram a formalizar a redação da história de sua família:

Escrevia como distração, para meus irmãos, coisa que eles não sabiam, mas eu sabia sobre minha família. Escrevi meu primeiro livro e resolvi mostrar os originais a algumas pessoas que viviam insistindo comigo para escrever memórias.

A saber, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Otto Lara Resende, “por causa de um artigo que fiz sobre Belo Horizonte, por ocasião do cinquentenário de Carlos Drummond de Andrade”: “Evocação da Rua da Bahia” – crônica de 1952, publicada em 1953 no jornal *Correio da Manhã* e, mais tarde, como “Anexo” de *Chão de Ferro*. Interessado em escrever a história de sua família, Pedro Nava empreendeu estudos genealógicos e fez entrevistas para coleta de reminiscências, documentos e fotografias.

Ao jornalista Edmílson Caminha, em 1984, Pedro Nava (1995, p. 39) declarou sobre o material de que proveio *Baú de Ossos*:

Seria um livro clandestino pra correr dentro da família. Os originais eu dei pra ler ao Fernando Sabino, ao Otto Lara Resende e ao Drummond, e a opinião deles foi que eu deveria continuar no mesmo tom, escrevendo as minhas memórias.

O autor relata experiências, tribulações e sucessos do clã familiar a partir de testemunhos e fontes documentais: registros oficiais de “cartórios, arquivos e sacristias”: apógrafos, certidões, formais de partilha, “interessantes documentos dados ao Arquivo Público Mineiro”, inventários, precatórias e processos; documentos íntimos, escritos domésticos: álbuns, bilhetes comerciais, cartas, cadernos, diários, faturas, livros de contas ou livros de assentamentos comerciais. Além desses itens, Pedro Nava (1974, p. 99, grifo do autor) referiu em observação a uma passagem biográfica:

[...] curiosa coleção de recortes e de retratos de meu Pai – uma daquelas *miscelâneas* bem do seu tempo e das quais possuo a sua, a de minha Mãe, as de meu tio Antônio Salles. Curiosos repositórios para estudo de uma personalidade (...).

A certidão de batismo, cartas, retratos e reminiscências que o memorialista colheu da avó paterna, D. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava, de tios, tios-avós e de um caixeteiro de seu avô, José Dias Pereira, são fragmentos do passado adquiridos em longo processo investigativo e arquivístico.

À semelhança do historiador, Pedro Nava obteve dados de documentos escritos, a maior parte do que coletou por meio de doações de familiares foi convenientemente reunida em acervo entregue à Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em depósitos feitos pelo escritor, por sua mulher, D. Antonieta Penido da Silva Nava, e pelo sobrinho do casal, Dr. Paulo Menezes Nogueira Penido. Esta iniciativa é exemplar e relevante, pois, conforme assinalou Katharine C. Balderston (2015, p. 7), documentos originais de espólios pessoais e familiares usualmente desaparecem após a publicação de memórias, que se tornam assim a única fonte de informação concernente a importantes evidências biográficas. Na condição de biógrafo da própria família, Pedro Nava teve acesso privilegiado à recolha de anedotas, casos, lembranças e relatos ouvidos desde a infância no convívio

diário, integrando-se, desse modo, ao movimento de transmissão de crenças, ditos e histórias inerente a cada grupo, o qual sanciona o que é permitido divulgar ou convém silenciar para fortalecer os laços e a identidade entre seus membros. O memorialista perscruta documentos, compara relatos orais e engendra hipóteses a respeito dos antepassados:

Pedro da Silva Nava, meu avô, nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de São Luís do Maranhão, a 19 de outubro de 1843, e foi batizado a 7 de setembro de 1844 na sua Matriz, pelo Reverendo Raimundo Alves dos Santos, tendo como padrinho João Joaquim Lopes de Sousa e como madrinha D. Maria Euquéria Nava. Sua avó? Mulher do italiano Francisco? Sua tia? Em todo caso, pessoa que deve ter marcado o espírito de meu avô, que não tendo repetido nos filhos o paterno Fernando Antônio, nem nas filhas o materno Raimunda Antônia, retomou, para sua caçula, o estranho nome da madrinha e da poetisa menor do 5º século. Cedo meu avô terá ficado órfão, pois foi ser criado por sua tia-avó que era também a avó de seu primo, irmão adotivo, compadre e melhor amigo – Antônio Ennes de Souza (...) Sendo Pedro da Silva Nava o único de meus avós acima do qual eu não podia subir senão duas gerações, parando no emigrante Francisco – esta porteira fechada sempre me encheu de curiosidade. (NAVA, 1974, p. 18-19).

O historiador Alexander Lünen (2013, p. 226, grifo do autor) distinguiu tipos de análise de fontes documentais, notando que geógrafos tendem a considerar mapas “signos icônicos”, muitas vezes “indexadores”, representativos de um objeto físico (uma cidade, paisagem, etc.), já historiadores consideram documentos históricos, inclusive mapas, como “signos simbólicos”, que expressam uma declaração intencional de seu criador ou como “signos indexadores”, criados pelo historiador ao interpretar o documento. O processo de análise pelo qual o historiador descobre “signos indexadores” foi referido por Alun Munslow (2000, p. 46-47) pelo termo *colligation*. A “coligação” seria um recurso para o historiador converter eventos passados incongruentes e desconexos em sentenças históricas significativas. Nesse processo, arguiu Munslow (2000, p. 139, grifo do autor), evidências de um evento histórico são exploradas e hipóteses formuladas para explicar lacunas e “aparentes anomalias”. Para historiadores como Munslow, segundo Lünen (2013, p. 226), o que está em questão não é a natureza abdutiva da pesquisa histórica, na qual a inferência é um dos estágios, mas o argumento de que, a despeito de qualquer evidência, as conclusões da história podem ser provisórias. Ao analisar certo

documento, Pedro Nava procede à sondagem das circunstâncias de sua origem, busca determinar-lhe o significado histórico, examina pormenores que gerem subsídios para criar perfis e hipóteses biográficas, estabelece questionamentos e associações favoráveis a análises mais aprofundadas dos dados, revelando a complexidade de uma única fonte, trabalho que se distingue pela observação da confluência de vários fatores – culturais, políticos ou religiosos – relacionados à história local:

Meu avô, negociante e dono de casa comissária, provavelmente nem sabia desses brasões. (...) Do tataravô Francisco ficaram o nome, a nacionalidade e o ponto de partida para a hipótese genealógica. Do bisavô Fernando, o que se pode tirar da certidão de batismo de meu avô. Esse documento dá a seu pai uma esposa – Dona Raimunda Antônia da Silva, um local de residência – a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de São Luís do Maranhão; uma confissão religiosa – a de católico, apostólico, romano; um sentimento nacional e uma admiração política. De fato, num tempo em que o batismo vinha logo depois do nascimento, meu avô esperou quase um ano para receber os santos óleos e ser chamado Pedro num dia 7 de setembro. E o Pedro, patrono do catecúmeno, não seria o nosso segundo monarca, que à época ainda não dissera muito ao que tinha vindo, mas, certamente, o primeiro (homenagem ao Príncipe da Independência e demonstração de antagonismo – velha de duas décadas – às truculentas juntas provisórias do Norte e ao odioso Sargento-Mor Fidié). Mostra ainda espírito de família e compostura, pois a escolha dos padrinhos do filho não foi feita buscando compadrios importantes, mas, vinculando mais, gente de sua família e próxima do seu coração. (NAVA, 1974, p. 20).

Para o crítico Antonio Cândido (1989, p. 54), a obra literária de Pedro Nava é lida “como se fosse ficção” porque o autor:

Confinado nos limites da sua memória, com a vontade tensa de apreender um passado que só lhe chega pelo documento e por pedaços da memória dos outros (...) não tem outro meio de os configurar senão apelando para a imaginação.

Pedro Nava (1976, p. 166) questionou em *Chão de Ferro* o procedimento de relatar o passado conciliando fontes, inferências e recordações:

Se eu fosse historiador, tudo se ressolveria. Se ficcionista, também. A questão é que o memorialista é forma anfíbia dos dois e ora tem de palmilhar as securas desérticas da verdade, ora nadar nas possibilidades oceânicas de sua interpretação.

Esse trabalho de conciliação de vestígios do passado foi referido pelo memorialista em *Baú de Ossos*:

Os mortos... suas casas mortas... Parece impossível sua evocação completa porque de coisas e pessoas só ficam lembranças fragmentárias. (...) Com mão paciente vamos compondo o *puzzle*⁵ de uma paisagem que é impossível completar porque as peças que faltam deixam buracos nos céus, hiatos nas águas, rombos nos sorrisos, furos nas silhuetas interrompidas e nos peitos que se abrem no vácuo – como vitrais fraturados (onde no burel de um santo vemos – lá fora! Céus profundos, árvores ramalhando ao vento, aviões, nuvens e aves fugindo), como aqueles recortes que suprimem os limites do real e do irreal nas telas oníricas de Salvador Dali. Um fato deixa entrever uma vida; uma palavra, um caráter. Mas que constância prodigiosa é preciso para semelhante recriação. E que experiência... A mesma de Cuvier partindo de um dente para construir a mandíbula inevitável, o crânio obrigatório, a coluna vertebral decorrente e osso por osso, o esqueleto da besta. A mesma do arqueólogo que da curva de um pedaço de jarro conclui de sua forma restante, de sua altura, de suas asas, que ele vai reconstruir em gesso para nele encastear o pedaço de louça que o completa e nele se completa. (NAVA, 1974, p. 40-41)

A relação entre história e memória tem sido problematizada por um rol diversificado de disciplinas. Em estudos que relacionam a memória ao campo da cultura material e museografia, Susan M. Stabile (2013) analisou o potencial de curadores para orientar e reorientar o significado de artefatos históricos, concluindo, em uníssono com o pensamento de Michel de Certeau (1998) e Jean-Yves Boursier (2002), que a compreensão do valor de objetos materiais para comunicar certa memória cultural pode se perder quando uma caixa de relíquias é levada a um museu e os itens de seu conteúdo são reclassificados e reordenados. O museógrafo, expôs

⁵ Garcia (1997, p. 39) comentou a frase de Proust (1986, p. 356) em *Le temps retrouvé* da qual Pedro Nava extraiu a metáfora do *puzzle*: “Mas Combray tinha para mim uma forma tão especial, tão impossível de confundir com o resto, que constituía um *puzzle*, que eu não poderia nunca inserir no mapa da França”.

Boursier (2002, p. 3, grifo do autor), evoca uma realidade por meio dos objetos, que torna significativos ou *fait parler* por meio de dispositivos de interpretação e mediação, no entanto, muitas vezes especialistas “das artes e tradições populares” limitam-se a expor os objetos de modo inexpressivo, salvo para iniciados. A exposição de artefatos históricos requer certa arte para formar com eles uma cena, legando a cada objeto sentido no âmbito da coletânea, com a finalidade precisa de obter uma situação no espaço adequada à mensagem ideológica veiculada.

Ao ponderar como museus estruturam a recepção de objetos históricos por meios que influem na compreensão do passado, Stabile (2013, p. 194-195, grifo da autora) utilizou a metáfora do palimpsesto, artefato em que um texto original é suprimido, parcialmente apagado de uma superfície para ser então reescrito, metáfora que se aplica tanto a uma inscrição anterior apagada e esquecida quanto à memória. Experiências vividas tornam-se memória (*deposition*); e essa memória pode ser recolhida através da narrativa (*reposition*). Mas a memória muda a cada iteração, moldada pelo instante em que é evocada. Logo, tal lembrança será transcrita em um momento futuro, eclipsada por nova evocação. Por conseguinte, o passado persiste apenas como sinédoque, peça de algo maior, como fragmento, sentimento, sombra, relíquia, resíduo ou ruína.

A figura de um traço pode sobreviver no que arqueólogos contemporâneos denominam “palimpsesto cumulativo”: episódios sucessivos de deposição *deposition* gerando camadas de atividade que permaneceram sobrepostas sem perda de evidência, mas que foram mescladas e refeitas a ponto de ser difícil, praticamente impossível, isolar seus constituintes originais. Pedro Nava propôs uma reflexão análoga ao comentário de Stabile em célebre passagem de *Balão Cativo*:

Como é difícil recordar, sem superpor os planos do Tempo cristalino e ver – sem ser em conjunto – as várias cenas que se passam nos quartos separados de uma casa toda de vidro. Imaginamos o Tempo numa sucessão. Sua lembrança, entretanto, pode ser ora seletiva, ora cumulativa e de revivescência simultânea. (NAVA, 1977, p. 124)

Divisar planos “em conjunto” acentua o teor encyclopédico das Memórias: Pedro Nava contextualiza o relato biográfico apoiando-se no dado histórico, recorrendo, porém, ao elemento ficcional para, como arguiu

Antonio Cândido (1989, p. 61), dotar os “personagens da capacidade de ver e sentir”, recurso utilizado na descrição de algumas cenas do cotidiano do “[...] avô paterno, que o Narrador conhece por tradição fragmentária e recompõe como tecido cheio (...) num todo coerente e poético”. As referências à cultura francesa provindas de fontes documentais situam Pedro da Silva Nava no campo da “história de grupo”, plano comum aos escritos históricos e literários do memorialista, tópico abordado na seção seguinte deste artigo.

“...conjecturo o que havia de ter sido...”

Um dos retratos do avô homônimo, que Pedro Nava (1974, p. 21) estima ter sido feito durante uma viagem à Corte entre 1862 e 1864, procede do “estabelecimento fotográfico” de L. Cypriano⁶, localizado na Rua dos Ourives, 34. “Deve datar de 1871” o “óleo de Vienot”, retrato “de circunstância e de casamento” de Pedro da Silva Nava, feito pelo consagrado pintor francês Édouard Viénot. Uma fotografia de 1875 mostra Pedro da Silva Nava, D. Ana Cândida e o casal Eugênia e Antônio Ennes de Souza em viagem à Europa. Pensados em uma cronologia, cada retrato assinala uma etapa da ascensão econômica e social do jovem negociante: o registro da viagem à Corte e do casamento retratados por profissionais de renome na capital do Império e a viagem familiar à Europa. Ao compor tais episódios biográficos, o trabalho do memorialista efetua-se em dois planos: literário e histórico. Neste, os itens constitutivos do acervo ou dossiê de Pedro da Silva Nava têm função biográfica, extensiva à pesquisa da história do cotidiano – reconstituído não só pela imaginação. “Ainda aqui, portanto, verificamos o encontro favorável (...) da análise social e do achado estilístico, fazendo o documento biográfico deslizar para a criação literária”, segundo Antonio

⁶ A fotografia de Pedro da Silva Nava possivelmente dataria de 1864, pois, de acordo com George Ermakoff (2006, p. 226): “A primeira referência aos serviços prestados por Diogo Luiz Cypriano é a de pintor de miniaturas, encontrada no *Almanaque Laemmert* de 1851, no endereço Rua do Ouvidor, n.º 88, sobrado. A partir de 1855, passou a anunciar também sua oficina de daguerreótipos na rua dos Ourives, nº 34, endereço até então ocupado por Guilherme Telfer. Sua atividade anterior se mantém até 1856. Em 1863 e 1864, Cypriano se associa ao fotógrafo e litógrafo Henrique José Aranha (Cypriano & Aranha). Em 20 de setembro de 1864, recebe o título de Fotógrafo da Casa Imperial, passando a anunciar-se sozinho no *Almanaque Laemmert* até 1870.”

Candido (1989, p. 54). Em argumento complementar, José Adjuto Castelo Branco Chaves (1978, p. 6-7) afirmou que o valor histórico de certas memórias se deve à narrativa centrada no relato de fatos testemunhados ou vividos diretamente pelo autor; já a narrativa centrada na visão de conjunto de seu tempo ou de outra época pode constituir obra de

[...] arte literária, se o seu autor é um artista de superiores aptidões, mas o valor documental, por via de regra, não corresponde à extensão do panorama, havendo necessariamente partes da composição que não foram nem vividos nem observados pelo memorialista.

É o arquivista que facilita ao biógrafo fontes para sondar as raízes intelectuais da escrita de Pedro da Silva Nava:

Seria meu avô um letrado? Creio que não. Em todo caso possuía uma instrução bem acima da que se podia exigir para seus bilhetes comerciais e para a escrituração do “deve e haver” de suas faturas. Que era homem informado, vê-se na correspondência mantida com minha avó (que ficara na Suíça) enquanto ele viajava à Itália. Todas as suas cartas são escritas com uma elegância simples e a enumeração do que lhe agradou em Veneza, Florença, Roma, Gênova, Nápoles – mostra sensibilidade artística, acuidade crítica e bom gosto espontâneo. Não podia ser homem de preocupações corriqueiras quem teve a histórica, de ir visitar os campos de Marengo, e a arqueológica, de jornadear para assistir às grandes escavações que estavam então sendo retomadas em Pompéia. (...) Como língua estrangeira, pelo menos a francesa lhe era familiar e ele a escrevia corretamente como se vê dum seu rascunho de carta, que tenho em mãos, dirigida a uma amiga suíça, certa Mme. Butte, de Zurique. (NAVA, 1974, p. 25-26)

Segundo Paul Ricœur (2009, p. 166), o arquivo surge na ocasião de escrita do processo historiográfico, após o estágio de compilação do testemunho de origem oral. Analisados sob ângulo estético, histórico ou sociológico ao serem transcritos para as Memórias, documentos, retratos e reminiscências colhidos por Pedro Nava (1974, p. 41) adquirem estatuto de arquivo:

Para recompor os quadros de minha família paterna tenho o que ouvi de minha avó, de meus tios-avós Itríclio e Marout, das irmãs de meu Pai, de algumas primas mais velhas. Uns retratos. Umas folhas de receituário (...) Cartas. Cadernos de datas de meu avô Pedro da Silva Nava.

A realização do processo historiográfico e o espaço dos arquivos, observou a historiadora Beatriz Colomina (1996, p. 9), são afetados sempre que redefinido o limite entre o público e o privado.

O arquivo desempenha importante papel para a história da privacidade, e mesmo para a historiografia, afirmou Colomina. O arquivo é privado, a história, pública (o fato dos arquivos institucionalizados assegurarem-se dos direitos autorais dos documentos em seu poder confirma essa distinção). A história é produzida fora do arquivo, mas escrevê-la requer o cuidado de gerar um relato coeso do arquivo, embora este seja, por natureza, fragmentado e parcial. Desse modo, o espaço, a princípio, anárquico, híbrido e irregular do arquivo é ordenado por uma história – a qual é comparável a uma fachada. O trabalho do historiador consiste em trazer esses itens para fora desse espaço desordenado e privado a fim de expô-los ao público de forma estruturada. O memorialista não se exime da tarefa apontada por Colomina, de deslocar o material do arquivo ordenadamente, de um espaço interno, privado, para o domínio público, aquele que a escrita da história comprehende. As evidências do arquivo são o ponto de partida para as várias hipóteses:

Punha nos seus negócios a austeridade, a probidade, a lisura de que me falou aí pelos 35 (mais de meio século depois de sua morte) o venerando pai do Dr. Adolfo Herbster Pereira, que, rapazola, fora empregado de sua casa comissária e que nunca mais pudera varrê-lo da memória. (...) Não sei se meu avô trabalhou no Maranhão. No Ceará é certo que esteve estabelecido, pois lá se casou e lá lhe nasceram vários filhos. (...) Teria meu avô vindo para o Ceará por iniciativa própria ou mandado por alguma casa do Maranhão? Quando teria chegado na Fortaleza? Levando em conta a data do casamento e sua idade, provavelmente pelos 1868, 69 ou 70. Justamente na época em que a cidade principiava a modificar-se e a adquirir certas características menos primitivas devido ao desabrochar da vida social e, principalmente, da vida intelectual (...) O próprio aspecto material de Fortaleza começava a renovar-se (...). (NAVA, 1974, p. 26)

Leitor de Gilberto Freyre (1961), Pedro Nava explora algumas questões decorrentes do processo de europeização que se espalhou pelo Brasil durante os séculos XIX e XX, sublinhando as transformações do ambiente social, refletidas na arquitetura, na alimentação, no vestuário, no ensino, na aquisição de artigos importados, no domínio do idioma prestigiado, nas

situações comuns do cotidiano, a exemplo da busca por profissionais da pintura retratista e dos primeiros experimentos fotográficos. Existem assim passagens nas Memórias que apreendem, por meio de informes extraídos de documentos e testemunhos, interações do indivíduo, famílias, grupos e instituições com a sociedade, mostradas, por vezes, no quadro de fatos históricos específicos, como se nota nos dois excertos biográficos a seguir, referentes à viagem dos Nava pela Europa:

Não tenho informação de onde nem como seria, em Fortaleza, a casa importadora de meu avô Pedro da Silva Nava. Pelo seu gênero de negócio devia ser, em menor, o que era a do comerciante José Francisco da Silva Albano, feito Barão de Aratanha em 1887. (...) Por essa casa que conheci em 1919, imobilizada na estabilidade da *belle époque* e ainda tal e qual fora nas mãos do Barão de Aratanha, conjecturo o que havia de ter sido a de meu avô. E certamente seus negócios deviam correr muito bem, pois em fevereiro ou março de 1872, ele faz uma viagem de negócios à Europa. Vai só e os interesses dessa jornada devem ter sido relevantes, porque deixa no Ceará minha avó (...) Meu avô deve ter chegado à Europa por Leixões e numa carta, mandada de Paris, dá notícias de sua travessia pelo Norte de Portugal, pela Espanha e pelo Sul da França, até a Alemanha, em menos de uma semana, fora o descanso de três dias em Madri e outros tantos em Paris. (...) Em junho de 1872, meu avô já devia estar de volta a Fortaleza (...) A rápida viagem em que ele vira Paris ainda com as cicatrizes da guerra, do assédio, da ocupação e da comuna, e Hamburgo na glória de sua integração no império germânico – deve ter lhe dado no goto. Em 1874 embarca novamente para a Europa. Desta vez com a família. Viagem de negócios, de recreio e parece que um pouco imposta pela saúde da filha. (NAVA, 1974, p. 58-59)

Imagen 2 – Casa Albano, em Fortaleza, Ceará.



Fonte: Fortaleza em Fotos (2012)

Finalmente, novamente, Zurique, onde a 30 de agosto de 1875 nasce sua filha Alice, em casa de Madame Butte. Por uma carta a esta senhora, vê-se que meu avô, a 5 de novembro, ainda estava em Paris, hospedado no *Hotel du Brésil*, à Rue Buffault 19 (entre as Lamartine e Lafayette), em pleno coração da *rive droite*. Parece que os Ennes também eram da viagem de volta e deve ser dessa ocasião o caso que eu ouvi do próprio Ennes. Ele passeava com meu avô nas ruas de uma pequena cidade da França, quando, ao desembocarem numa praça, viram o pavoroso espetáculo de um patíbulo armado e sobre ele a forma esquálida da guilhotina se destacando contra a lividez do céu dessangrado, com uma dureza de água-forte. Os dois, como se tivessem combinado, foram vítimas do mesmo reflexo e começaram a vomitar. Não lhes cessou a náusea enquanto não fugiram da cidade sinistra como se fossem eles – e não o executado do dia seguinte – os prometidos à lâmina do maquinismo. Da França foram para Portugal (...) (NAVA, 1974, p. 58-59)

Imagen 3 - *Hotel Franklin du Brésil* 19, Rue Buffault - Le Hall



Fonte: HipPostcard (2022)

Gilberto Freyre (1996, p. 336, grifo do autor) assinalou que, a partir do século XVIII, o prestígio social de “bacharéis e doutores formados na Europa” e reingressos no país ajudou a forjar uma mentalidade cultural diferenciada, “criadora”, em oposição aos “gostos e maneiras” das casas-grandes patriarcais, cujo apoio muitas vezes requisitaram para concretizar ideais nacionalistas e “planos revolucionários de independência política da colônia”. Gradativamente, sobretudo após a vinda da família real para o Brasil: “Tudo que era português foi ficando ‘mau gosto’; tudo que era francês ou inglês ou italiano ou alemão foi ficando ‘bom gosto’”. Estendido à economia de mercado, o processo de europeização impôs adaptações culturais e econômicas a negociantes prósperos, que deviam acessar, por meio da fluência no idioma, de viagens, de relações comerciais em esferas mais “altas”, mecanismos mais ágeis de importação e transações financeiras bem sucedidas. O avô de Pedro Nava (1974, p. 73) ilustra o êxito desse modelo:

Porque no Rio, como em Fortaleza, o dinheiro vinha para ele e onde quer que ele pusesse as mãos nascia ouro do seu toque. Se negociava em café, o mesmo se valorizava; se importava ferragens, seu preço subia e choviam pedidos de todas as partes.

A questão do biculturalismo pressupõe relação especular, mimética, com a noção de êxito social idealizada por um grupo, o que Pedro Nava (1974, p. 62) indicaria ao justificar:

Não é difícil conjecturar os motivos que trouxeram meus avós para a capital do Império. Primeiro, às viagens à Europa, requintando a mentalidade dos dois e dando-lhes ambição de vida mais alta, em meio maior e mais elegante.

Considerações finais

Cronistas, historiadores, literatos, memorialistas, viajantes, eruditos de diferentes áreas retrataram em produções artísticas e científicas identidades nas quais certa cultura projeta suas aspirações e valores. Ambientado entre 1867 e 1870, *Quincas Borba* permite ao leitor relacionar a ascensão social do protagonista a novos usos, antevistos no *robe de chambre*, “no pouf ao centro da sala”, na imagem do “capitalista” da Corte, em contraste à do professor provinciano:

De repente, surgiu-lhe este grave problema: – se iria viver no Rio de Janeiro, ou se ficaria em Barbacena. Sentia cócegas de ficar, de brilhar onde escurecia, de quebrar a castanha na boca aos que antes faziam pouco caso dele, e principalmente aos que se riram da amizade do Quincas Borba. Mas logo depois, vinha a imagem do Rio de Janeiro, que ele conhecia, com os seus feitiços, movimento, teatros em toda a parte, moças bonitas, “vestidas à francesa”. Resolveu que era melhor, podia subir muitas e muitas vezes à cidade natal. (ASSIS, 1982, p. 26, grifo do autor)

Pedro Nava (1974, p. 66) refere que a mudança do casal Pedro e Ana Cândida do Ceará para a Corte deu-se entre fevereiro de 1878 e dezembro de 1879: “Chegando ao Rio, meu avô instalou-se com casa comissária à Rua General Câmara 74”. Antes de falecer, a 31 de maio de 1880, vitimado pela “tísica galopante”, Pedro da Silva Nava dirigia próspera casa comissária e certamente mantinha boas relações comerciais, importava produtos da Europa, excursionando, não só a negócios, pelo exterior. A crise do açúcar no Norte na segunda metade do século XIX e a valorização do café no Sul promoveram um deslocamento de riquezas e, com isso, expôs Gilberto Freyre (1996, p. 47): “As ruas da Corte, estas, desde Dom João VI vinham se tornando as

mais elegantes do Império. A do Ouvidor tornou-se a grande rua do luxo e das modas francesas". A seca de 1877, seguida de "epidemias de cólera e de bexigas", gerou uma onda de emigrações que, segundo Pedro Nava (1974, p. 62), teria apressado a vinda de seus avós para o Rio de Janeiro, onde já residiam Ennes de Souza e outros parentes. Nesse ínterim, como afirmou Gilberto Freyre (1996, p. 47):

Os negros, as caixas de passa, as latas de ervilha, os pianos ingleses, os vinhos franceses – tudo foi ficando mais caro: mais difícil de ser adquirido pelos fidalgos rurais do açúcar. Os fidalgos do açúcar começaram a ser eclipsados pelos do café.

Tal crise seria possivelmente desfavorável à casa importadora de Pedro da Silva Nava em Fortaleza. Na Corte das décadas de 70 e 80 do século XIX, a crescente urbanização levou alguns serviços das casas grandes do interior aos sobrados citadinos e destes para as ruas, fomentando o desenvolvimento de atividades comerciais, mecânicas e industriais, da fabricação de mobílias imitando o gosto francês, passando, enumerou Gilberto Freyre (1986, p. 134-135) por

[...] sorveterias familiares onde, além de sorvetes, encontravam-se bolos, bolinhos, empadas de camarão, pão-de-ló e doces italianos e franceses que as negras das casas não sabiam fazer nas cozinhas patriarcais, atingidas, assim, no seu prestígio quase sagrado.

Lojas de miudezas, de ferragens; armazéns de secos e molhados; cocheiras que alugavam carros para passeios; até os [...] cafés que, na segunda metade do século, foram juntando aos vinhos de jenipapo e de caju, rivais dos fabricados pachorrentamente em casa pelas iaiás, vinhos, licores e *cognacs* importados diretamente da Europa". Citando a obra de Andrew Grant, *History of Brazil* (1809, p. 169), Gilberto Freyre compara alimentos mais acessíveis à população àqueles acessíveis ao

[...] branco da casa senhorial, com a sua carne fresca má, suas conservas e seus alimentos secos, importados da Europa. (...) O mesmo Grant observou como era intensa, nos primeiros anos do século XIX, a importação de alimentos da Europa: peixe seco, presunto, linguiça, queijo, manteiga, biscoitos, azeite, vinagre, macarrão, nozes, ameixas, azeitonas, cebolas, alho, etc. Alimento para habitantes de sobrados. Para senhores das casas mais opulentas. (FREYRE, 1986, p. 286)

Em *Quincas Borba*, Machado de Assis (1982, p. 138) compõe uma cena representativa do valor simbólico ou social desses produtos, quando atribui à personagem da casamenteira, de família sem recursos, mas que deseja impressionar o noivo tão esperado, o seguinte pedido: “– Papai compra amanhã latas de conserva, ervilha, peixe, etc., e ficam guardadas. No dia em que ele aparecer para jantar, põe-se no fogo, é só aquecer, e daremos um jantarzinho melhor”. Pedro Nava presume como o avô buscaria suprir esse mercado “na cidade onde tudo lhe corria bem”:

Dentro da sua casa de comércio, meu avô trabalhava como um mouro. Passava horas no meio dos fardos, dos amarrados, das latas, dos engradados e dos caixotes dos vinhos, das conservas, das manteigas, dos presuntos, dos azeites, das tintas, das ferragens, dos couros, dos panos grossos e das fazendas finas que lhe chegavam de Hamburgo, de Liverpool, do Havre, de Gênova, do Porto e que ele distribuía pelo Município Neutro e províncias do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo. (NAVA, 1974, p. 72-73)

Pedro Nava concilia a pesquisa genealógica a recursos do ficcionista e do historiador ao biografar o avô homônimo, Pedro da Silva Nava, reconstituindo sua história, conforme afirmou Antonio Cândido (1989, p. 61), por “tradição fragmentária”, em uníssono com o memorialista, que comparou ao ofício do arqueólogo o processo de coletar, arquivar e transcrever “lembranças fragmentárias”. Mesmo o retrato que Pedro Nava (1974, p. 66-67) obtém por testemunhos é heterogêneo:

Como espelho de vários lados, outras faces ele deixou: a da inteligência e bom convívio, a que se referiam seus cunhados; a da bondade e doçura, que impressionaram sua mulher e filhos; a de sua pilharia rabelaisiana e do seu gosto pela farsa.

Reconstituir o passado de grupos e lugares por vasto acervo arquitetônico, bibliográfico, documental, iconográfico e a partir do próprio repertório de leituras, experiências, arquivo familiar e pessoal permite ao autor das Memórias vislumbrar aspectos e traços do passado sob ótica diferenciada, que apreende influências sócio-históricas e literárias da cultura francesa no contexto, escrita, trabalho, vida familiar e viagens do negociante Pedro da Silva Nava, mas também na economia de cidades em desenvolvimento, na europeização de sentido francófilo, impregnando as “vogas da época”, o

“espírito do século”, o “desabrochar da vida social e, principalmente, da vida intelectual”.

Referências

- AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória*: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Edusp, 1998.
- ASSIS, Machado. *Quincas Borba*. São Paulo: Ática, 1982.
- BALDERSTON, Katharine C. *The History & Sources of Percy's Memoir of Goldsmith*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BETHLÉEM, Louis Henri. *Revue des Lectures*. Paris: Editions de la Revue des Lectures, 1928.
- BOURSIER, Jean-Yves. La mémoire comme trace des possibles. *Socio-anthropologie*, Paris, v. 12, 2002. Disponível em: <https://journals.openedition.org/socio-anthropologie/145>. Acesso em: 24 dez. 2021.
- BUENO, Antônio Sérgio. *Visceras da memória*: uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 51-69.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *The practice of Everyday Life*. Translated by Timothy J. Tomasik. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998. V. 2: Living and Cooking.
- CHAVES, José Adjuto Castelo-Branco. *Memorialistas portugueses*. Amadora: Livraria Bertrand, 1978.
- COLOMINA, Beatriz. *Privacy and Publicity*: Modern Architecture as Mass Media. Cambridge, MA: MIT Press, 1996.
- ERMAKOFF, George. *Rio de Janeiro 1840-1900*: uma crônica fotográfica. Rio de Janeiro: George Ermakoff Casa Editorial, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- GARCIA, Celina Fontenele. *A escrita Frankenstein de Pedro Nava*. Fortaleza: UFC edições, 1997.

- GARCIA, Celina Fontenele. Nava, leitor de Proust. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 16, n. 1, p. 23-41. 1994. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17484/1/1994_art_cfgarcia.pdf. Acesso em: 19 jan. 2022.
- GARCIA, Celina Fontenele. O papel da memória na escrita autobiográfica. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 1/2, n. 25, p. 15-24, jan. 2003. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art03.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- GARCIA, Celina Fontenele. Pedro Nava e a aquisição de sua identidade cultural. *Revista do Gelne*, Natal, v. 3, n. 1/2, p. 1-4, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9188/6542>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- GARCIA, Fátima. Fortaleza e os grandes negócios. *Fortaleza em fotos*, Fortaleza, jan. 2012. Disponível em: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2012/01/fortaleza-e-os-grandes-negocios.html>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- HOTEL Franklin du Brésil 19, Rue Buffault – Le Hall. *HipPostcard*. Disponível em: <https://www.hippostcard.com/listing/france-paris-hotel-franklin-19-rue-buffault-le-hall/9149663>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- LÜNEN, Alexander. Tracking in a New Territory: Re-imaging GIS for History. In: LÜNEN, Alexander; TRAVIS, Charles (eds.). *History and GIS: Epistemologies, Considerations and Reflections*. New York: Springer, 2013. p. 211-240.
- MUNSLOW, Alun. *The Routledge Companion to Historical Studies*. London; New York: Routledge: 2000.
- NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1974.
- NAVA, Pedro. *Chão de ferro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1976.
- NAVA, Pedro. Pedro Nava: em busca do tempo vivido. Entrevista cedida a Edmilson Caminha. In: CAMINHA, Edmílson. *Palavra de Escritor*. Brasília: Thesaurus Editora, 1995, p. 37-50.
- NAVA, Pedro. *Território de Epidáuro: crônicas e histórias da História da Medicina*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial. 2003b.
- PANICHI, Edina Regina Pugas. Cem anos cravados na memória. Entrevista cedida a Edina Panichi. *Folha de Londrina*, Londrina, 4 jun. 2003. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/cem-anos-cravados-na-memoria-449186.html>. Acesso em: 19 jan. 2022.

RICOEUR, Paul. *Memory, History, Forgetting*. Translated by Kathleen Blamey & David Pellauer. Chicago; London: University of Chicago Press, 2009.

ROBERTSON, Joana. Seria este o chocolate mais romântico feito no mundo? *BBC News*. Paris, 1 jan. 2015. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/cozinha/noticias/bbc/2015/01/01/seria-este-o-chocolate-mais-romantico-ja-feito-no-mundo.htm>. Acesso em: 19 jan. 2022.

SANTOS, Agenor Soares dos. Francês e francesismos em Pedro Nava. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, Suplemento Literário, v. 14, n. 728, p. 4-5, 13 set. 1980.

SAVIETTO, Maria do Carmo. *Baú de madeleines*: o intertexto proustiano nas Memórias de Pedro Nava. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.

SOARES, Luiz Carlos. *O “povo de cam” na capital do Brasil*: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do Século XIX. Rio de Janeiro: Faperj – 7 Letras, 2007.

STABILE, Susan M. Biography of a box: material culture and palimpsest memory. In: TUMBLETY, Joan (ed.). *Memory and History*: Understanding Memory as Source and Subject. London and New York: Routledge: 2013, p. 194-211.

STEMMA della Famiglia Nava. *Cognomix*: L’archivio di Cognomix. 2022. Disponível em: <https://www.cognomix.it/stemma-famiglia/nava>. Acesso em: 15 jan. 2022.